

DICAS DA INTERNET: UM EMBATE POLÊMICO NA CONSTRUÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR

Charlene Cidrini Ferreira (UERJ)¹

Resumo: O desenvolvimento da Internet indica que muitas pessoas têm acesso aos discursos em circulação na rede. Juntamente com a chegada das novas tecnologias, observamos a proliferação de sites que buscam oferecer, de maneira “imediate”, o segredo do sucesso profissional. Este artigo se propõe a analisar dicas direcionadas ao professor retiradas do site PROFISSÃO MESTRE, a fim de verificar que imagem(ns) discursiva(s) do trabalho desse profissional está(ão) sendo construída(s). Verificando que, muitas vezes, a orientação das dicas ao professor do que se deve fazer se manifesta a partir de enunciados negativos contrários a pontos de vista de “um outro”, baseamos nossa análise no conceito de “não polêmico”, definido por DUCROT [1987] e na Análise do Discurso de orientação enunciativa. Em todas as incidências de negação polêmica, observamos duas vozes distintas encenando um embate de posicionamentos em relação ao trabalho do professor: a imagem de professor que se quer construir tem origem numa voz que nega os pontos de vista adotados pelo enunciador potencial das afirmativas subjacentes, pois estas manifestam exatamente as atitudes de que, segundo o site, a prática docente deveria se afastar.

1) Introdução

A tecnologia digital tem evoluído muito rapidamente e, para grande parte das profissões, vem se tornando uma ferramenta de trabalho cotidiano. Com o profissional professor não acontece diferentemente, a utilização da rede já vem fazendo parte do seu dia-a-dia. O avanço da tecnologia tem permitido a circulação rápida de informações, uma vez que a rede mundial de computadores possibilita ao usuário entrar em contato com informações do mundo todo. Dessa maneira, o desenvolvimento e a utilização da Internet indicam que um grande número de pessoas, a todo instante, tem acesso aos discursos em circulação na rede estabelecendo trocas, armazenando e obtendo informações.

Juntamente com a chegada das novas tecnologias, observamos a proliferação de sites produzidos com o objetivo de aprimorar diversas atividades profissionais por meio de dicas que desejam oferecer de maneira imediata e prática o segredo do sucesso. Isso se deve ao fato de que os indivíduos inseridos na sociedade contemporânea buscam cada vez mais o aperfeiçoamento e, no caso do professor, orientações para sua prática docente.

Sabendo que a Internet ocupa uma posição de poder privilegiada na construção dos sentidos que circulam atualmente na sociedade, este artigo tem o objetivo de analisar dicas direcionadas ao professor retiradas da Internet, a fim de verificar que vozes são trazidas para a produção desses discursos, que acreditamos estarem contribuindo para a construção da imagem do que deve ser o trabalho do professor, devido à possibilidade de influenciarem direta-

¹ Orientadora Vera Lúcia de Albuquerque Sant'Anna (IL/UERJ).

mente o fazer, desencadeando a ação: se tais dicas sugerem como o professor deve agir, configuram, pois, um perfil do seu trabalho.

Dentre os *sites* voltados para o professor existentes na rede, importou para este trabalho o *site Profissão Mestre*, que, como ele mesmo se apresenta, “*é especialmente voltado para os profissionais de Educação*”. É importante esclarecer que o *site* escolhido não é assinado por órgãos responsáveis pelas leis que regem o trabalho do professor. Ele é produzido por uma equipe da Humana Editorial, coordenada pelo editor-responsável, que é sócio e fundador dessa editora. Destacamos, entre as diversas seções disponibilizadas pelo *site*², a presença de uma cujo nome é *Novo professor*, que apresenta dicas de “*Como ser um melhor professor e crescer como profissional*”. Dessa maneira, decidimos selecionar como fonte do nosso *corpus* de análise um texto da citada seção intitulado “*9 maneiras de ser um professor eficiente*”.

Num primeiro olhar, verificamos que, muitas vezes, a orientação dada por essas dicas aos professores a respeito do que eles deveriam fazer se manifesta a partir de enunciados negativos contrários a pontos de vista de “um outro”. Por isso, para chegar ao objetivo desta pesquisa, realizaremos nossa análise com base no conceito de “não polêmico”, definido por DUCROT [1987], que nos possibilita identificar o *não* como um elemento de um embate de “vozes” na construção dos sentidos em circulação.

2) Fundamentação Teórica – Negação Polêmica

O. DUCROT [1987], ao esboçar sua teoria polifonia da enunciação, mostrou ser importante determinar como o enunciado pode dar uma maior visibilidade à superposição de diversas vozes. Para isso, ele faz uma distinção entre os conceitos de falante, locutor e enunciador, os quais chama de personagens da enunciação. O **locutor** (L) é o responsável pela enunciação, apresentado como ser do discurso, diferentemente do **falante** que é o ser empírico que enuncia fisicamente o enunciado. Quanto ao **enunciador**, é aquele a quem a enunciação possibilita expressar “*seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras*”. [DUCROT, 1987, P. 192].

Segundo Ducrot, na enunciação da maior parte dos enunciados negativos podemos depreender um embate de posicionamentos entre o locutor e um outro enunciador. O locutor (L) assume o enunciado negativo e institui controvérsia com um enunciador (E1) que defende o

² Constatamos que atualmente a organização do *site* apresenta diversas mudanças em relação ao período em que coletamos o texto de análise. O acesso à matéria escolhida pode ser feito através da busca por artigos anteriores em: <http://www.profissaomestre.com.br/php/antecedentes.php?nucanal=8&cod=3554>.

ponto de vista afirmativo subjacente ao enunciado negativo. Tomemos como exemplo o enunciado que o autor nos dá – *Pedro não é gentil* – a fim de demonstrar como essa distinção entre locutor e enunciador acontece. O locutor (L) assume o enunciado NÃO P e coloca em cena dois enunciadores distintos; um enunciador E1 que sustenta que Pedro é gentil, e outro enunciador E2, ao qual L se assimila habitualmente, que se opõe a E1. Dessa maneira, temos dois enunciadores, E1 e E2, que sustentam pontos de vistas em oposição. Segundo Ducrot, esse choque de pontos de vistas acontece na maior parte dos enunciados negativos.

Ducrot ainda argumenta haver “*uma dissimetria entre enunciados negativos e afirmativos, uma vez que a afirmação estaria implícita na negação de um modo muito mais fundamental que a negação na afirmação*” [apud ROCHA, 1998, p. 7]. Podemos verificar essa dissimetria através do encadeamento de enunciados negativos e afirmativos utilizando a expressão *ao contrário*. Observemos o seguinte enunciado: *Pedro não é gentil, ao contrário, ele é insuportável*. Podemos perceber que a oposição expressa pelo segmento *ele é insuportável* não se relaciona ao enunciado negativo *Pedro não é gentil*, mas à afirmativa subjacente à negação, *Pedro é gentil*. No entanto, como diz DUCROT [1987, p. 203], “*esta possibilidade de encadeamento é excluída se o primeiro enunciado é positivo*”.

Com isso, o autor ilustra a negação polêmica, ao mostrar como a existência de um enunciador que se confronta com um locutor que assume o enunciado negativo está marcada na frase. Contudo, vale lembrar que o enunciador colocado em cena que sustenta o ponto de vista afirmativo não é atribuído a nenhum locutor efetivo de algum discurso, mas é uma atitude de oposição interna ao discurso:

...o elemento positivo que considero subjacente ao enunciado negativo não é um enunciado (isto é, uma seqüência de palavras), imputável a um locutor, mas uma atitude, uma posição tomada por um enunciador tendo em vista em certo conteúdo, quer dizer, uma entidade semântica abstrata [DUCROT, 1987, p. 204].

Os enunciados negativos que caracterizarem a negação polêmica são particularmente relevantes para este trabalho, uma vez que nosso interesse é observar que outras vozes são trazidas na construção dos sentidos que nos levarão à imagem de professor criada pelas dicas de nosso *corpus*.

A Análise do Discurso nos possibilita tratar a negação como objeto de uma análise polifônica, em que verificamos um choque de duas vozes que se confrontam encenando um embate de posicionamentos em relação a um dado tema. MAIGUENEAU [1987], para além da negação polêmica, observa que os estudos do dialogismo polêmico são relevantes para a AD por salientarem os tópicos que são objeto de controvérsia. E quanto a esses tópicos afirma que

...são previamente levantados em dois domínios: as zonas que já foram objeto de ataques e aquelas que ainda não foram debatidas. No primeiro domínio, o discurso filtra, entre os enunciados contra ele dirigidos, os temas aos quais lhe parece impossível não responder; no segundo, ele mesmo define pontos que, no conjunto dos textos do adversário, lhe parecem particularmente importantes. De um lado como do outro, o analista postula que as 'escolhas' são reveladoras e permitem invalidar ou corroborar hipóteses. [MAIGUENEAU, 1987, p. 124].

Por isso, acreditamos que, as “escolhas” dos pontos de controvérsia definidos como importantes no texto analisado poderão ser reveladoras de sentidos no espaço discursivo polifônico de nosso *corpus* no que se refere à imagem de professor que se pretende construir.

3) Análise dos Enunciados Negativos - Embates de Posicionamentos Discursivos

Para realizar a análise, fizemos o levantamento dos enunciados discursivos nas nove dicas contidas no artigo de base, conforme já dito intitulado “9 maneiras de ser um professor eficiente”. A presença da marca *não* nos enunciados e a realização do teste preconizado por Ducrot a respeito do encadeamento com a expressão ao *contrário* foram os critérios que adotamos para tal levantamento. Além da marca lingüística *não*, incluímos ainda em nossa análise enunciados em que figuravam a conjunção *nem* e o prefixo *in*, pelo fato de ambos funcionarem como verdadeiros elementos de negação.

A seguir apresentamos somente os enunciados em que verificamos a marca da negação polêmica, nos quais dizer *não* significa negar o conteúdo que o ponto de vista de um outro poderia assumir. Para facilitar, analisaremos separadamente cada texto selecionado, deixando para relacionar os resultados obtidos no final.

DICA 1 SÃO OS ALUNOS QUE IMPORTAM

Alguns professores sentem-se extremamente orgulhosos de seus cargos. E dá até para entender a razão. Afinal, são anos e anos de pesquisas e estudos para estar ali, naquela sala de aula. E agora aqueles alunos seriam os sortudos que iriam beber da sabedoria dele por todo ano letivo.

Aqueles que pensam assim estão construindo uma imensa barreira entre eles, os estudantes e o aprendizado. Os melhores mestres vêem a si MESMOS como guias. Eles compartilham o que sabem, porém entendem que eles não são o foco principal daquela sala de aula. Seus discípulos o são. Não se deve perguntar "o que eu vou fazer hoje", mas sim "o que eu espero que meus alunos façam/aprendam hoje". O planejamento do dia fica muito mais fácil.

Enunciado 1

L: *Os melhores mestres vêem a si mesmos como guias. Eles compartilham o que sabem, porém entendem que eles **não** são o foco principal daquela sala de aula.*

E1: Há professores que entendem que são o foco daquela sala de aula.

Percebemos aqui um locutor que coloca em cena um E1 que sustenta um ponto de vista de que o professor é o foco da sala de aula. Ao dizer que os melhores mestres não possuem esse ponto de vista subjacente, sugere então que o professor– destinatário não seja o foco da sala de aula.

DICA 3 - SE VOCÊ QUER QUE ELES SE ARRISQUEM, OFEREÇA SEGURANÇA

Parece estranho, mas aprender pode ser uma atividade desconfortável. Os discentes têm que descobrir o que eles não sabem, jogar fora muito daquilo que eles achavam que sabiam. Por isso, crie um ambiente de segurança. Iluminação e cores corretas ajudam, além de diversos outros detalhes ao alcance do professor:

A - Decore as paredes com os trabalhos dos alunos, ou fale sempre nos exemplos e nos casos que eles trazem para sala. A idéia é fazer com que a sala de aula seja um lugar que pertença a eles, alunos.

B - Da mesma maneira, crie um pequeno ritual para início de aula. Pode ser algo simples, como entrar e dar bom dia de determinada maneira, ir até um ponto da sala e sorrir. Com isso, os alunos percebem, inconscientemente, que eles estão em terreno conhecido e que não há o que temer.

Enunciado 2:

L: *Com isso, os alunos percebem, inconscientemente, que eles estão em terreno conhecido e que **não** há o que temer.*

E1: Há o que temer

A voz do enunciador 1, *há o que temer*, sustenta a idéia manifestada no enunciado do início do trecho, o que diz que aprender pode ser desconfortável. Essa idéia foi o que motivou o teor das dicas oferecidas. Aqui, a motivação do Enunciado 2 se mostra determinada pelo conteúdo do enunciado de um “outro” que sustenta a possibilidade de a aprendizagem ser desconfortável. Com efeito, o perfil de professor preconizado parece opor-se à possibilidade a que se refere a afirmativa implícita: se há alguém que sustenta a opinião de que há o que temer na aprendizagem, o professor que se pretende construir por essa dica deve sustentar exatamente o contrário e procurar tomar atitudes (que são sugeridas pela dica: decorar a sala, sorrir...) para tornar a aprendizagem de seus alunos confortável.

DICA 4 VULNERABILIDADE NÃO COMPROMETE A CREDIBILIDADE

Um professor não precisa ter todas as respostas. Se você disser "eu não sei", isso não significa que sua classe vai acreditar menos em você. Ao contrário, seus alunos irão admirá-lo ainda mais.

Enunciado 3:

L: *Vulnerabilidade **não** compromete a credibilidade*

E1: Vulnerabilidade compromete a credibilidade

Enunciado 4:

L: *Um professor **não** precisa ter todas as respostas. Se você disser "eu não sei", isso **não** significa que sua classe vai acreditar menos em você. Ao contrário, seus alunos irão admirá-lo ainda mais.*

E1: Um professor precisa ter todas as respostas. Dizer “eu não sei” significa que sua classe vai acreditar menos em você.

Observamos que os enunciados negativos com os quais o enunciador constrói a quarta dica, assim como as outras já demonstradas, indicam a existência de outras vozes que sustentam uma idéia contrária. Observamos isso por meio da marca da negação polêmica de Ducrot. O E1 que sustenta tal ponto de vista oposto do locutor dos enunciados 3 e 4 é alguém que acredita que o professor tem que saber tudo, senão sua credibilidade entre os alunos estará comprometida. Dessa maneira, o locutor constrói sua dica em função desse ponto de vista, sugerindo que o professor-destinatário faça justamente o contrário do que o E1 sustenta. Se o locutor deu importância a essa voz é porque reconhece que seu aconselhado pode compartilhar da idéia que refuta. Logo, a imagem aqui criada por essa dica é de um professor que não sabe tudo e que não precisa ser inseguro com relação à assunção disso.

DICA 6 - BONS PROFESSORES FAZEM BOAS PERGUNTAS

*Fazer perguntas que se respondam com "certo" ou "errado" **não** estimula uma boa discussão em sala de aula. Procure fazer perguntas abertas. Por que isso funciona assim? Qual a razão dessa reação/atitude? E se fizéssemos de outra maneira?*

Enunciado 5:

L: *Fazer perguntas que se respondam com "certo" ou "errado" **não** estimula uma boa discussão em sala de aula. Procure fazer perguntas abertas. Por que isso funciona assim? Qual a razão dessa reação/atitude? E se fizéssemos de outra maneira?*

E1: Fazer perguntas que se respondam com "certo" ou "errado" estimula uma boa discussão em sala de aula.

O locutor, através da negação polêmica deste enunciado, acaba fazendo uma crítica ao ponto de vista subjacente afirmativo que outro enunciador sustentaria. Isso se comprova pela exemplificação das perguntas que julga ideais para o professor que quer ser eficiente, que se contrapõem às que tem como resposta “certo” ou “errado”. Mais uma vez, observamos que as dicas são produzidas em função da opinião sustentada pela afirmação subjacente.

DICA 8 PERMITA QUE OS ALUNOS ENSINEM ENTRE SI

Você não é a única fonte de conhecimento disponível a seus alunos. Eles também aprendem entre si. Uma turma de alunos funciona como um triângulo de aprendizado, no qual o professor é apenas um vértice. Use essa força a seu favor. Dê a seus alunos pequenos textos, e peça que eles o interpretem entre si para responder uma questão. Naturalmente eles escutam mais uns aos outros para encontrar a solução mais adequada.

Enunciado 6:

L: *Você não é a única fonte de conhecimento disponível a seus alunos. Eles também aprendem entre si.*

E1: *Você é a única fonte de conhecimento disponível a seus alunos.*

Percebemos aqui a voz de um enunciador 1 que ainda defende a idéia do professor como único detentor de conhecimento. Ele denota a existência de uma voz que ignora as mudanças da sociedade contemporânea influenciada pelo avanço das novas tecnologias.

Ele sugere que o professor-destinatário dê oportunidade para seus alunos aprenderem sozinhos, sendo apenas um “vértice” no aprendizado: *“Uma turma de alunos funciona como um triângulo de aprendizado, no qual o professor é apenas um vértice. Use essa força a seu favor. Dê a seus alunos pequenos textos, e peça que eles o interpretem entre si para responder uma questão”*.

Para o locutor desta dica, o professor não é, apesar da existência de um discurso em circulação dizendo o contrário, a única fonte de conhecimento. Assim, mais uma vez, o locutor construiu sua dica em função de um enunciado afirmativo implícito a que se contrapõe.

DICA 9 PAIXÃO E PROPÓSITO

O que faz a diferença entre um bom professor e um excelente professor não está nos cursos feitos, Não aparece nas teses defendidas nem nas pesquisas feitas. Independe dos anos de profissão.

É a paixão por lecionar, por estar ali, todos os dias. É algo que contagia os estudantes e que não pode ser fingido. Se você possui essa vontade para passar-lhes algum conteúdo, só falta informar-lhes o que deve ser aprendido. Faça com que todas as pessoas na sala de aula tenham um objetivo comum. Para que é necessário aprender aquilo? Exatamente o que a classe deve saber de novo até o final do ano?

Os enunciados que iniciam esta dica são marcados pela presença da negação polêmica, que nos demonstra que o ponto de vista defendido pelo locutor se apresenta como contrário à outra voz subjacente depreendida a seguir.

Enunciado 7:

L: O que faz a diferença entre um bom professor e um excelente professor não está nos cursos feitos, Não aparece nas teses defendidas nem nas pesquisas feitas. Independe dos anos de profissão.

E1: O que faz a diferença entre um bom professor e um excelente professor está nos cursos feitos, aparece nas teses defendidas nem nas pesquisas feitas. Depende dos anos de profissão.

Além da marca lingüística *não*, consideramos como indicador de uma negação polêmica o prefixo *In*, cujo valor é também negativo. Percebemos, neste fragmento, a presença de um enunciador 1 que defende a idéia de que os cursos, as teses feitas e a experiência profissional determinam a diferença entre um bom e excelente professor. Em contrapartida, encontramos um locutor que afirma exatamente o contrário, colocando a paixão por lecionar em primeiro plano no que se refere a ser um excelente professor.

Nesta dica, a questão da formação profissional é trazida à tona, em que notamos uma valorização de um perfil de professor em detrimento da desvalorização de outro: de um lado aquele apaixonado pela profissão; e de outro o que investe na sua formação, fazendo cursos, ganhando experiência, cursando uma pós-graduação etc. Torna-se visível, aqui, a presença de um embate de posicionamentos de pontos de vista.

Com isso, esses enunciados parecem apontar para uma imagem de professor apaixonado por lecionar e que não precisa freqüentar a academia, nem ter muita experiência. Assim, as afirmações subjacentes nos ajudaram a observar que o locutor coloca a paixão de ensinar do professor em um lugar de oposição ao valor do seu aperfeiçoamento e experiência, quando na verdade essas características deveriam ser postas lado a lado.

4) Resultados e Considerações Finais

Em todas as incidências de negação polêmica em nosso *corpus*, observamos duas vezes distintas encenando um embate de posicionamentos em relação ao trabalho do *professor*, determinado pelo que é “bom” ou “ruim” na polarização dos pontos de vista. O ponto de vista “bom”, segundo o texto analisado, é o adotado pelos enunciados marcados pelo *não*. Ou seja, o bom professor é aquele que nega os pontos de vista assumidos pelo enunciador E1 e concorda com os do locutor. Dentre esses pontos de vista do locutor aceitos como bons, podemos destacar: o professor não é o foco da sala de aula; o professor não precisa ter todas as respos-

tas; perguntas com respostas certo e errado não estimulam uma boa discussão em sala de aula; o professor não é a única fonte de conhecimento disponível aos alunos; ser um excelente professor não depende dos cursos feitos, não aparece nas teses defendidas nem nas pesquisas feitas.

Fica-nos visível então, que a imagem boa de professor está sendo construída pelas atitudes que não deve ter, ou seja, está sendo construída pela negação de determinadas atitudes defendidas pelas idéias expressas pelos enunciados negados. Como já informamos, um enunciado pode ser motivado pelo teor do enunciado do “outro” e é isso que acontece com as dicas de nosso *corpus*. Elas são motivadas a partir das opiniões contrárias assumidas pelo enunciador 1. Segundo MAINGUENEAU [1989], E₁, que sustenta o ponto de vista rejeitado, pode ser assumido por diferentes enunciadores: o destinatário; um dado indivíduo; uma outra imagem do locutor; a opinião pública; etc.

Há outro aspecto importante que merece comentário. O locutor indica que o destinatário, para ser um professor eficiente e dar aulas melhores, não deve assumir a posição do enunciador 1, nos levando a crer na existência de professores que o fazem. Esse efeito de polêmica parece caracterizar atitudes possivelmente assumidas por professores que precisam ser desqualificadas, e, portanto, não seguidas pelo destinatário a quem o locutor aconselha. É uma maneira de o enunciador-aconselhador evitar que seu co-enunciador repita os mesmos erros de outros professores.

Nesse momento, fica claro que o fenômeno da negação polêmica nos permitiu perceber essa presença de um *outro* no discurso. Com efeito, esse outro, que é manifestado pelas vozes de E₁, ou seja, pelas afirmações subjacentes negadas pelo locutor, corresponde ao *professor desqualificado*. Portanto, a imagem de professor que se quer construir tem origem predominantemente na voz que nega os pontos de vista adotados pelo enunciador 1 das afirmativas subjacentes, pois estas, de acordo com os sentidos produzidos, são exatamente aquilo de que a prática docente deveria se afastar..

Por tudo isso, ao verificar que o enunciador construiu suas dicas baseadas no que não se deve fazer, constatamos que o perfil de professor mais focalizado para essas dicas, na verdade, é o construído pelas afirmações subjacentes, ou seja, o professor desqualificado. Em outras palavras, esse perfil é tão forte que precisa todo o tempo ser negado pelo enunciador como uma tentativa de combatê-lo. Assim, identificar que perfil desqualificado é esse é importante, pois ele corresponde às imagens de professor que circulam como existentes e que, segundo esse *site*, deveriam ser combatidas, conforme nossa análise pôde mostrar. Nesse senti-

do, agrupando os enunciados afirmativos subjacentes que motivaram o teor das dicas que dizem como deveria ser o professor ideal, e, por conseguinte, caracterizam a imagem do trabalho deste profissional, chegamos a quatro perfis de professor³ que essas dicas estão desqualificando:

- professor centro da sala de aula, único detentor do conhecimento;
- professor “sabe-tudo”;
- professor entediante, não-criativo;
- professor presunçoso (porque valoriza a formação e a experiência).

Essas vozes que nos apontam perfis desqualificados de professor são fortemente valorizadas pelo enunciador, porque, se ele não as julgasse existentes e importantes, não ofereceria dicas motivadas por elas a seu co-enunciador. Desse modo, podemos concluir que a identificação de outras vozes no discurso expresso pelas dicas de nosso *corpus* confirma a noção de polifonia, em que se afirma a presença de vozes distintas na enunciação, ou seja, que a heterogeneidade é constitutiva de todo discurso [AUTHIER-REVUZ 1998].

O fenômeno da negação polêmica de Ducrot apresentou importantes contribuições teórico-metodológicas para este trabalho, visto que tornou visível a inserção do outro no discurso, um outro cujo ponto de vista é desqualificado. Recorrer às vozes negadas permitiu a recuperação dos pontos de vista definidos como importantes pelo discurso mantido pelo texto de base de nossa análise no que se refere ao trabalho do professor, tendo-se demonstrado que as vozes negadas foram as reais motivadoras do teor das dicas oferecidas aos professores.

Bibliografia

- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavra incertas, as Não-coincidências do Dizer*. Campinas: UNICAMP, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail (1979). *A Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes. 1992.
- DUCROT, O. *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- MARCUSCHI, L.A., XAVIER, A.C.(orgs). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. 2.ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005
- MAINGUENEAU, Dominique (1987). *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP, Pontes. 1989.
- PROFISSÃO MESTRE. *Site disponível na Internet via <http://www.profissaomestre.com.br>*.

³ É importante esclarecer que a caracterização desses perfis foram feitos por nós a partir dos sentidos criados pelos enunciados das dicas.

- ROCHA, Décio. *Polifonia em Enunciados Negativos: Vozes que Habitam o Dizer Não*. Revista D.E.L.T.A., vol. 14, nº 1. São Paulo: Educ, 1998.
- RODRIGUES, Isabel Cristina. *Debates em Educação Bilíngüe para Surdos: Vozes que Habitam o Dizer Não*. Dissertação de Mestrado, UERJ, 2002.
- SANT'ANNA, Vera Lucia de A. *O trabalho em Notícias sobre o Mercosul. Heterogeneidade Enunciativa e Noção de Objetividade*. São Paulo, EDUC, 2004.